

XII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL

21 a 25 de maio de 2007

Belém - Pará - Brasil

UMA ANALISE DAS MULTIPLAS FRONTEIRAS DA CIDADE DE PACARAIMA AO NORTE DO
BRASIL

Francilene dos Santos Rodrigues (UFRR)

UMA ANÁLISE DAS MÚLTIPLAS FRONTEIRAS DA CIDADE DE PACARAIMA AO NORTE DO BRASIL

RESUMO

O objetivo deste texto é abordar os processos sociais identitários e culturais característicos da realidade fronteiriça e os significados construídos ou desconstruídos na e sobre essa fronteira ao norte do Brasil. Em Roraima, as fronteiras caracterizam-se como um eixo de integração além da floresta amazônica, onde as pequenas cidades, vilas e povoados, podem ser definidos como os centros operacionais desses novos arranjos, os quais cumprem o papel de ponto de apoio às estratégias de sobrevivência. Essa cidade, pequeno espaço urbano estrutura-se como o urbano na fronteira, entrelaçando-se com a floresta, com o lavrado, com os diferentes grupos étnicos, com povos de diversas origens, provenientes de todo o Brasil, uma vez que o processo migratório para o estado de Roraima intensificou-se nas duas últimas décadas do século XX. A fronteira tem um papel delimitador, que burocraticamente divide o cidadão habitante dessa vasta região. Mas a fronteira demarcada não impede o deslocamento da população, que se movimenta entre os territórios delimitados se deslocando de um a outro lado da fronteira. As “barreiras” impõem regras e limites, porém dificilmente impedem os acessos. As zonas fronteiriças são zonas de empréstimos e apropriações culturais e, por isso, um lugar privilegiado para a compreensão do fenômeno de construção e reconstruções identitárias e culturais.

INTRODUÇÃO

As noções de fronteira, entendidas tanto como espaço social e regional quanto espaços de significação política e cultural, apresentam-se com grande complexidade, a qual se reflete nas variadas representações que evoca, ou seja, como espaços de encontro, de conflito, de passagem, de representação emblemática da relação com as nações vizinhas e da identidade própria e, ainda como espaços estratégicos para a economia e segurança nacional

Este texto é resultado de um trabalho iniciado ainda no mestrado, ao qual dei seguimento com as reflexões na pesquisa sobre tráfico de mulheres, crianças e adolescentes para fins de exploração sexual realizada nos municípios de Boa Vista e Paracaraima, no Brasil, e Santa Elena do Uairen, na Venezuelaⁱⁱⁱ, e agora apresenta-se como tema central da minha tese de doutoramento: a fronteira.

O objetivo deste texto é sintetizar parte da discussão elaborada na tese, sobre os processos sociais característicos desta realidade fronteiriça e os significados construídos ou desconstruídos no e sobre essa fronteira ao norte do Brasil (Estado de Roraima-Pacaraima) e sul da Venezuela (Gran Sabana).

Amazônia, Imaginário e Cultura

Os significados sobre o complexo cultural amazônico, em parte, decorre do modo como o imaginário sobre a Amazônia brasileira foi construído desde os viajantes no século XVI. A relação paraíso e inferno, pesadelo e castigo estão presentes na construção do imaginário e representação sobre a Amazônia brasileira, ou como lugar de degredo, representado pelas condições extremas que dificultam a sobrevivência do homem e que necessitam ser ultrapassados, ou como “provas” ou penitências a ser superadas para só assim garantir um lugar neste Paraíso.

Este imaginário é constantemente reconstruído no curso político e histórico do processo de ocupação e colonização da Amazônia brasileira. Por outro lado, a representação sobre a Amazônia enquanto lugar paradisíaco está centrada na construção de um discurso que vê a Amazônia como reservatório de biodiversidade e, conseqüentemente, lugar de salvação

para a crise ambiental. A Divisão Ecológica Internacional é um dos desdobramentos práticos desta representação e da re-significação do mito do paraíso perdido (FERNANDES;2000).

A Amazônia, enquanto região, é uma representação espacial e cultural. Desse modo, é um lugar produzido, criado e inventado a partir de diferentes discursos que lhe atribuem determinadas características físicas, atributos morais, culturais, símbolos sexualizantes, naturalizantes, dentre outros. A Amazônia é uma construção simbólica complexa e à medida que aparece como “imensidão geográfica vazia” seus habitantes se tornam invisíveis, não sendo percebidos nem quantitativamente nem culturalmente. É essa visão, segundo Ramos (1990), que justifica a tomada ilícita de territórios nativos sem que isso se configure uma invasão, pelo contrário, configurando uma ocupação natural e até obrigatória (RAMOS, 1990:55).

Cultura e Civilização assumem sentidos de sinônimos, ao mesmo tempo em que são antônimos de natureza, barbárie e atraso. Portanto, por estarem próximas à natureza, essas populações são consideradas atrasadas e tradicionais. E, por isso mesmo, precisam ter acesso ao desenvolvimento, incorporando padrões de progresso e modernidade, processo a ser deslanchado de fora. O agente civilizador é externo à região porque os agentes internos são só incapazes de sair do “estado de natureza”, do atraso e de levarem adiante um projeto modernizador para seus Estados.

A imagem que freqüentemente se têm a respeito da Amazônia é mais uma imagem sobre a região que da região. É uma imagem de uma região homogênea, infernal e paradisíaca, com uma população cuja *leseira baré*ⁱⁱⁱ é parte constituinte do seu caráter.

No entanto, os diversos povos que habitam esse espaço desenvolveram múltiplas culturas e, por isso, têm diversas e múltiplas identidades. Contudo, para o centro hegemônico, são apenas nativos, índios, caboclos e ribeirinhos, todos classificados em uma única categoria: o não-branco, o outro, em contraposição ao branco civilizado e, preferencialmente, do centro-sul do país.

A Amazônia assume a perspectiva de fronteira de expansão. Ressalte-se a influência da globalização econômica reforçando a posição da Amazônia também como fronteira mundial. Destarte, ela é concebida como região que precisa ser desbravada e efetivamente conquistada através da sua ocupação e colonização. Como fronteira, a questão da alteridade torna-se elemento central na construção e representação desse espaço. E, justamente por se constituir como fronteira, a alteridade tem que ser modificada.

Dessa forma, a Amazônia é um lugar produzido e construído historicamente, cujos imaginários acoplam as perspectivas e concepções de fronteira, tanto física quanto simbólica. Assim, certos mitos e representações construídas sobre esses lugares atuam como formas de garantir a sua inserção aos centros do poder nacional e internacional.

O processo de efetivação da nação se faz pela ocupação das fronteiras. A fronteira é, assim, o lugar da nação. Daí a constante preocupação com a segurança expressa nos planos e projetos como o Programa Calha Norte e o Sistema de Vigilância da Amazônia.

Superposição de fronteiras no Estado de Roraima

O Estado de Roraima, como parte da região amazônica, reproduz em grande parte esses imaginários. Historicamente, a ocupação do Estado de Roraima está ligada à base econômica extrativa e à necessidade de manutenção da soberania, uma vez que faz fronteira com a Venezuela e a República da Guiana.

O Estado de Roraima, ignorado pelo Centro-Sul do país e pelo poder central e muitas vezes considerado como um “lugar que não existe”, lugar “longínquo”, “final do mundo”, “último pedaço do Brasil”, enfim, como uma fronteira, tem sido utilizado pelos governos como um lugar de recepção de imigrantes, funcionando como laboratório das políticas de colonização e assentamento, principalmente a partir dos anos 70.

Desde o fechamento da fronteira do centro sul, em meados do século XX, a grande fronteira continua sendo a Amazônia e, nos anos 90, o Estado de Roraima. Os projetos de integração da Amazônia ao centro sul do país passavam necessariamente pela criação de infra-estrutura básica de transportes e comunicações como forma de interligar a Amazônia ao Nordeste, ao Centro-Sul e ao sistema rodoviário interamericano. Esse e outros projetos com objetivo de ocupação e expansão da fronteira impactaram os processos migratórios para toda a região Amazônica e, em especial, para o Estado de Roraima, que sempre foi percebido como fronteira que precisava ser ocupada e integrada ao país, à civilização.

Durante os governos militares, a população apresentava-se como elemento fundamental na formação de uma base produtiva para o processo de inserção da Amazônia na economia mundial e na constituição do poder nacional. O Estado de Roraima, considerado uma das últimas fronteiras abertas no país, configura-se como um desses focos de atração

populacional. A classe política e a elite local reproduzem esse discurso do vazio demográfico, ao mesmo tempo que associam outros, como o de terras abundantes, terras de oportunidades, lugar para se “ganhar” a vida. Retórica construída principalmente pela divulgação oficial da colonização, através da distribuição de terras da União e do *boom* da mineração, que forjaram os processos migratórios em massa ocorridos, principalmente, a partir dos anos 80.

Em Roraima, com o avanço das frentes de colonização, caracterizadas principalmente pela pecuária e garimpos, agravou-se a situação dos povos indígenas, que tiveram suas terras invadidas por fazendeiros e garimpeiros. Como represália político-ideológica por parte da elite e autoridades locais, os povos indígenas são marginalizados e colocados como o “grande empecilho” ao desenvolvimento do Estado, ademais de construírem um discurso de que “há muita terra para pouco índio”.

Reforça e se reedita o discurso anti-indígena. Um discurso elaborado para reforçar os estigmas e crenças sobre o “caboclo” que não é mais indígena, mas que herdou a preguiça, o desleixo e que sem a “ajuda humanitária” dos fazendeiros, seus bem-feitores, seriam incapazes de sobreviver. Assim, segue-se, neste Estado, a elaboração de justificativas para a incompetência da elite local através da construção das mais diversas formas de preconceitos e estigmas em relação às populações indígenas.

Para ilustrar, lembro a derrota de um candidato ao governo do Estado atribuído ao fato do mesmo ser da base de apoio do Governo Lula, que cumpriu a Constituição Federal e demarcou as Terras Indígenas Raposa Serra do Sol. Vale lembrar que este mesmo candidato sempre se posicionou contra a demarcação em terras contínuas e em seu governo em fins dos anos 80, como forma de “conduzir o desenvolvimento harmônico da região”, propôs o “Projeto Meridiano 62”,^{iv} que criava reservas garimpeiras em áreas de maior concentração de garimpeiros, permitindo a atividade por dois anos. Assim, o governador de Roraima, Romero Jucá, conseguiria atender de uma só vez os interesses das mineradoras e dos garimpeiros à medida que criava as reservas garimpeiras de Santa Rosa, Tepequém, Surucucu e Catrimani/Couto de Magalhães, dentro do Parque Indígena Yanomami (RODRIGUES; 1996).

Roraima: Um lugar de múltiplas fronteiras

O asfaltamento da BR 174, que liga Manaus - Boa Vista - Santa Elena (Venezuela), em 1996, foi um dos fatores que proporcionaram a intensificação dos processos migratórios.

Os projetos de colonização e assentamento rural organizados pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA – deram-se ao longo da BR 174 e da BR 210. A migração de nordestinos para Roraima é predominante. Porém, os fluxos desse processo se diferenciam no tempo. Até os anos 70, predominavam imigrantes de origem dos Estados do Ceará e Piauí; nos anos 70 e 80, imigrantes procedentes do Sul e Sudeste; nos anos 90, de pessoas oriundas do Estado do Maranhão.

O Estado de Roraima foi o que mais cresceu populacionalmente na última década, com uma taxa de 10,64%. Enquanto os Estados de Rondônia, cujo crescimento populacional fora o maior na década anterior, apresentou uma taxa de crescimento populacional de 7,87% e o Amapá, 4,65%. No período de 1996 a 2000, o crescimento do Estado de Roraima foi de 7,02% (Quadro 01).

**QUADRO 01 – Taxa de Crescimento Populacional.
Roraima- 1950/2000**

| ANOS | TAXA DE CRESCIMENTO (%) | DENSIDADE hab./km ² |
|------|-------------------------|--------------------------------|
| 1950 | | 0,08 |
| 1960 | 4,56 | 0,13 |
| 1970 | 3,75 | 0,18 |
| 1980 | 6,83 | 0,34 |
| 1991 | 10,64 | 0,97 |
| 2000 | 7,02 | 1,44 |

Fonte: IBGE ; Elaborado por AT&M

Contudo, Roraima ainda apresenta a menor densidade demográfica dentre todos os Estados da federação. Nas últimas duas décadas, tem ocorrido uma concentração da população nos centros urbanos. Esta tem sido uma tendência geral em todo o país e, em Roraima, nas décadas de 60 e 70, a população rural representava 57,08% e 57,24%, respectivamente. Na década de 80, ocorreu uma inversão significativa, quando a população urbana chegou a representar 61,56% . E no final da década de 90, a população urbana representava 64,72% da população total e, em 2000, 76,11%, demonstrando um crescimento bem menor que os verificados nas últimas décadas (Quadro 2).

QUADRO 02 – População Residente. Roraima - 1950/2000

| ANOS | TOTAL | R U R A L | | U R B A N A | |
|------|---------|-----------|-------|-------------|-------|
| | | habitante | (%) | habitante | (%) |
| 1950 | 18.116 | 12.984 | 71,67 | 5.132 | 28,33 |
| 1960 | 28.304 | 16.156 | 57,08 | 12.148 | 42,92 |
| 1970 | 40.885 | 23.404 | 57,24 | 17.481 | 42,76 |
| 1980 | 79.159 | 30.425 | 38,44 | 48.734 | 61,56 |
| 1991 | 217.583 | 76.765 | 35,28 | 140.818 | 64,72 |
| 2000 | 324.152 | 77.420 | 23,89 | 246.732 | 76,11 |

Fonte: IBGE; Elaboração AT&M in: FECOR;1995:13

Esta tendência à concentração urbana em Roraima é explicada, em parte, pelo resultado dos esforços, sem grandes sucessos, dos empreendimentos dos governos federal e estadual na implementação de políticas de colonização e incentivo à migração para área rural (BARBOSA, 1994). Outro fator que contribuiu para a concentração urbana foi a “corrida do ouro” na década de 80. Como a maioria dos garimpos estava localizada em áreas distantes de núcleos urbanos (vilas, povoados e pequenas cidades), as referências de apoio para os garimpeiros eram as cidades maiores. Mais precisamente, a capital Boa Vista foi o núcleo de atração desta população por possuir maior e melhor infra-estrutura de serviços e de diversões (bares, cabarés, boates), além do comércio para abastecimento de produtos e equipamentos para a mineração.

Observa-se que os movimentos migratórios, a partir da exploração da atividade de mineração nos anos 30, da instalação do Território do Rio Branco nos anos 40 e da abertura das rodovias e implantação dos projetos de colonização nos anos 70, não tiveram a mesma intensidade que o movimento migratório dos anos 80, que conciliou os atrativos da “fronteira agrícola” com a “frente garimpeira”^v.

Em Roraima, este processo de concentração urbana não se aplicou a todos os municípios do Estado, pelo menos, até o final dos anos 80. Dentre os 8 municípios existentes, apenas Boa Vista e Caracaráí concentravam uma população urbana superior à rural. O Município de Boa Vista concentrava 69,7% da população do Estado e, somente a capital, Boa Vista, concentrava 55% da população total do Estado. Isto confirma sua condição de cidade primaz no Estado.

No entanto, no final dos anos 90, outros cinco municípios passaram a concentrar maior população nos centros urbanos que nas áreas rurais: Iracema, Mucajaí, Pacaraima, São João da Baliza e São Luís do Anauá. Este quadro parece não se alterar, ou seja, a maioria dos

migrantes que entra no estado dirige-se para os centros urbanos e, em especial, para capital, Boa Vista (Quadro 03).

QUADRO 03 – Destino dos Migrantes para os Municípios do Estado

| MUNICÍPIOS DE DESTINO | PERÍODO | | | | | Total do Período 96/00 |
|-----------------------|---------------|--------------|---------------|---------------|---------------|------------------------|
| | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | |
| Alto Alegre | 08 | 50 | 311 | 89 | 11 | 469 |
| Boa Vista | 7.018 | 4.745 | 12.297 | 10.542 | 8.338 | 42.940 |
| Cantá | -x-x- | 20 | 17 | 05 | 03 | 45 |
| Caracarái | 129 | 159 | 171 | 219 | 157 | 835 |
| Caroebe | 36 | 19 | 46 | 105 | 45 | 251 |
| Iracema | 07 | 35 | 209 | 124 | 125 | 500 |
| Mucajai | 30 | 121 | 231 | 56 | 76 | 514 |
| Pacaraima | 05 | 09 | -x-x- | 10 | 19 | 43 |
| Rorainópolis | 290 | 499 | 1.265 | 1.613 | 1.111 | 4.778 |
| São João da Baliza | 69 | 97 | 207 | 157 | 86 | 616 |
| São Luiz do Anauá | 94 | 26 | 77 | 114 | 105 | 416 |
| Total Geral | 20.454 | 5.780 | 14.831 | 13.034 | 10.078 | 64.181 |

Fonte: Secretaria do Bem Estar Social/Departamento de Desenvolvimento Social

O Município de Pacaraima foi o que recebeu o menor número de migrantes no período de 1996-2000. Isto deve-se ao fato de Pacaraima não se configurar, em um primeiro momento, como atrativo para esses migrantes. No entanto, Pacaraima representa o 8º município em termos populacionais, ficando à frente de municípios tais como Caroebe (11º), São Luiz do Anauá (12º), São João da Baliza (14º) e Iracema (15º), localizados nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste. Estas áreas são consideradas áreas de expansão da fronteira agrícola, pois nelas está situada a maioria dos projetos de assentamentos rurais do Estado. Neste sentido, o 8º município em termos populacionais só vai tornar-se referência como local de migração, em um segundo momento, após o percurso de outros municípios, inclusive após uma passagem por Boa Vista.

De acordo com o censo do IBGE, ano 2000, Pacaraima conta com uma população residente de 6.989 habitantes. Deste total 2.758 habitantes estão na área urbana e 4.231 habitantes na área rural, cuja maior parte da população é formada por índios Macuxi e Taurepang. Os Taurepangs ocupam a área no alto rio Surumu, já nos limites com a Venezuela, próximo à sede do Município de Pacaraima. Em algumas áreas, os índios Macuxis, Taurepangs e Wapixanas vivem em conjunto. Em virtude de sua freqüente mobilidade, estão em constante deslocamento entre o território brasileiro e venezuelano, sendo conhecidos naquele país por Pemon..

A partir de meados dos anos 90, o fluxo migratório para Pacaraima intensificou-se em virtude da perspectiva de criação de uma Área de Livre Comércio, que até o presente momento não se concretizou. Pacaraima tem crescido muito, em parte, conseqüência do comércio *transfronteiriço*, tanto legal como ilegal, de produtos tais como bebidas, combustível da Venezuela e gêneros alimentícios do Brasil, de câmbio de moedas e serviços, tais como domésticos e transportes. Portanto, este fluxo, proporcionado principalmente pelas atividades ilegais, influenciou o crescimento populacional e a ascensão de Pacaraima à categoria de base de apoio e “centro de lazer” nos finais de semana.

Pequenos espaços urbanos como Pacaraima, no lado brasileiro, e Santa Elena do Uairen, na Venezuela, estruturam-se como o urbano na fronteira, entrelaçando-se floresta e “lavrado”, diferentes grupos étnicos e povos de diversas nacionalidades e diversas culturas^{vi}. A fronteira nessa área tem um papel delimitador, dividindo burocraticamente o cidadão habitante desse espaço. No entanto, a fronteira demarcada não impede o deslocamento do povo, que se movimenta entre os territórios delimitados, ultrapassando as linhas divisórias, os marcos, criando “caminhos” alternativos, derrubando as “barreiras” que impõem regras, estipulam tempo e definem o consumo.

Os contrastes entre as fronteiras internacionais e nacionais tornam-se evidentes à medida que bordas e divisas ou fronteiras internacionais são perfeitamente instituídas e institucionalizadas, estando a delimitação do território definida através dos marcos, como o de BV-8, em Paracaraima, no Estado de Roraima, ou através dos monumentos, na fronteira, construídos em concreto para astear os ícones afirmativos da presença nacional, ou, ainda, pelas estruturas de fiscalização e controle de bens e pela vigilância de entrada e saída de pessoas.

A fronteira em Roraima, pela localização geográfica do Estado no extremo Norte do Brasil, limitada por dois países, insere-se no cotidiano da população. A relação com a fronteira, pelo difícil acesso e distância do restante do Brasil, confere-lhe uma obrigação de relacionar-se com o externo. Transpor a fronteira para a Venezuela é condição simples e quase obrigatória para a população roraimense, seja para as relações econômicas e comerciais através do comércio e da atividade de mineração, seja pelas relações sociais de casamentos, apadrinhamentos, vizinhas etc. As fronteiras são impostas, mas a migração se intensifica nessa fronteira, que é cruzada na busca de melhores condições de vida.

Assim sendo, a fronteira em Roraima está estabelecida, os marcos são definidos, os limites existem, a burocracia se regula através de leis, contudo, os povos que habitam este

espaço são povos que vivem a contingência de virtualmente possuírem vários idiomas - português, inglês, espanhol, arekuna, através dos quais se relacionam, se entendem e se entrelaçam. Ser brasileiro, venezuelano são modos de existência definidores de cada nação, ao mesmo tempo que outras identidades estão sendo construídas e reconstruídas.

Construindo o Espaço Transfronteirico no Município de Pacaraima

A história do Município começa com a implantação de um pelotão de fronteira do exército no chamado marco BV8. Com a ida dos militares e suas famílias para o pelotão, inicia-se o embrião da vila de BV8. A vila Pacaraima foi elevada à categoria de Município em 1995, porém, sua instalação só ocorreu em 1997, com a posse do primeiro prefeito eleito. Pacaraima localiza-se na fronteira do Brasil com a Venezuela e está distante de Boa Vista apenas 215 km, tendo como principal acesso a BR 174, e encontra-se circunscrito dentro de uma área indígena. O Município é objeto de uma ação judicial movida pela FUNAI – Fundação Nacional do Índio, que questiona a legalidade do mesmo junto à Justiça Federal.

Esse espaço da fronteira norte do Brasil, contém uma fronteira internacional, no sentido de *limite* territorial e de soberania, entre os Estados-nação venezuelano e brasileiro. Já como fronteira no sentido político, significa o limite que separa dois países e todas as tensões implicadas na necessidade de ocupação efetiva e na manutenção da soberania territorial.

As fronteiras internacionais não são apenas *limites*, mas principalmente zonas fronteiriças, onde a afirmação dos Estados-nação envolvidos torna-se mais complexa e potencialmente geradora de conflitos. É justamente nessas zonas onde se trocam lealdades, saberes, linguagens, dentre outros, entre cidadãos diferentes. A fixação de limites concretos entre Estados-nação e seus dispositivos culturais e políticos gera efeitos materiais e simbólicos, que muitas vezes implica na falta de coincidência entre as fronteiras dos sistemas políticos e as fronteiras culturais.

As culturas, como diz Hall (2003), sempre se recusaram a ser perfeitamente encurraladas dentro das fronteiras nacionais porque, em virtude dos trânsitos humanos (legais e ilegais), seus elementos são reproduzidos em outro lugar, difundidos, mesclados e redefinidos, sendo, portanto, transgressoras desses limites políticos. Já as fronteiras internas não estão marcadas por limites e divisas físicas, mas sim imaginárias. Portanto, são ambíguas

e não são predefinidas. Não há uma definição precisa de onde começa e onde termina a fronteira interna. As fronteiras internas são construídas imaginariamente.

Pacaraima é uma fronteira cultural produzida pela e na diversidade tanto nacional quanto internacional, manifestada nas identidades étnicas, linguagens, credos e culturas que geram conflitos e alianças entre a população que vivencia a fronteira. Na atualidade, vem sendo profundamente modificada sobre os impactos das novas tecnologias de transporte e comunicação, as mesmas que intensificaram os processos migratórios e, como escreve Hall (2003), encolheram o mundo, de modo que as culturas e as identidades tanto transcendem seu lugar de origem quanto se hibridizam ao ponto de cada vez ser mais difícil identificar suas origens. A fronteira não pode mais ser descrita apenas como algo que divide, mas como zonas permeáveis onde os processos de interculturalidade se acentuam.

Os processos pelos quais as culturas são configuradas ou reconfiguradas realizam-se nas zonas de contato e seguem as fronteiras interculturais das nações, povos e lugares. Essas fronteiras tanto podem se configurar como lugar de hibridez quanto de controle e transgressão, sendo esta última tanto das fronteiras geopolíticas quanto das fronteiras culturais e da subjetividade.

As práticas de deslocamento, de trânsitos, fazem com que os diversos atores sociais entrecruzem suas trajetórias históricas e culturais, possibilitando o processo de seleção, revisão, reapropriação e invenção cultural. A *hibridação cultural* (CANCLINI:1997), como processo que abrange diversas mesclas interculturais modernas, podem gerar novas e inusitadas combinações de culturas. É a forma mais apropriada, segundo Rushdie (2000), para fazer surgir a novidade no mundo. Os fenômenos culturais estão estreitamente ligados às experiências vividas, aos acontecimentos sociais e ocasiões históricas, à vida cotidiana, ao lugar.

Pacaraima pode ser compreendido como um *espaço intercultural e transfronteiriço*. *Transfronteiriço* porque neste lugar configuram-se diversas redes de relações sociais, símbolos e autoridades de diferentes nações, onde os diversos atores sociais vivenciam e compartilham símbolos e significados. *Intercultural* por ser local privilegiado de construção de uma amálgama cultural decorrente do encontro de diferentes complexos culturais que já são em si mesmos o resultado da sedimentação, justaposição e entrecruzamento de tradições indígenas e do hispanismo colonial católico.

É na fronteira que os atores sociais revisam e reinventam modos de vida, que se reapropriam de elementos culturais das mais diversas ordens. *É na fronteira* que se revelam as ambigüidades entre as diversas fronteiras e onde os processos de *deslocamento tornam-se constitutivos de significados culturais e identitários* (CLIFFORD;1999). É na fronteira que os diferentes modos de pertencimento servem para negociar as identidades na nova cultura e, por isso, é o lugar apropriado para a construção e reconstrução das identidades, que são definidas historicamente e continuamente estão sendo deslocadas (HALL;2003). É um lugar existencial e não apenas espacial, no qual convive uma pluralidade de culturas e identidades que transitam de acordo com o lugar e o contexto.

Os atores sociais - tais como índios, garimpeiros, comerciantes, prostitutas, trabalhadores domésticos, camelôs, compradores de ouro e diamante e taxistas, dentre outros - que vivem nessas fronteiras, estabelecem processos de integração à revelia de projetos ou programas políticos cujas ações não coincidem necessariamente com os dos Estados-Nação. Exemplo recente foi a aliança de brasileiros e venezuelanos contra a ação do governo venezuelano em fechar os garimpos ilegais na região do rio Caroni^{vii}

Essas populações podem ser chamadas de *transfronteiriças*. Por isso, aqueles que cruzam esporadicamente a *la línea*, a divisa internacional, atribuem certo significado ao processo de entrada e saída em um outro país, em um outro modo de vida e costumes, e têm que lidar temporariamente com códigos desconhecidos, entender e se fazer entender. Esses significados estão associados também ao fato de terem que lidar com a polícia, com a fiscalização, com o incômodo de serem parados e revistados por militares em cujos rostos há quase sempre uma expressão de que todos são culpados de algo.

Para aqueles que vivenciam a *la línea* no dia-a-dia da *transfronteira*, os significados são ampliados e incorporam, além daqueles, outros significados que refletem uma socialização geopolítica a partir de um permanente trânsito entre o “aqui” e o “lá”, o “cruzar” e “chegar” ao outro lado da linha divisória e de certa integração com os de “lá” e os “daqui”. Além desses, há também os significados decorrentes do enfrentamento de certas tensões próprias dessas zonas.

São nessas regiões fronteiriças, nessas bordas, que essas populações negociam uma variedade de sentimentos e significados associados aos membros das diversas nações e estados. Por isso, as fronteiras internacionais não são somente o *locus* de contestação e ameaça à soberania do Estado, mas também representam o centro das forças de

transformações sociais, econômicas, políticas e, principalmente, culturais que, de certa forma, ameaçam o futuro do Estado-nação.

Como afirmam Donnan e Wilson (1997), as bordas não são homogêneas e variam no tempo e espaço. Embora sejam estruturas físicas do Estado, elas também estruturam uma grande variedade de significados e formas de pertencimentos a uma outra variedade de identidades. As bordas modulam identidades que não são encontradas em nenhum outro lugar do Estado.

Algumas Considerações Finais

A especificidade de Pacaraima no contexto amazônico Pacaraima é seu caráter de múltiplas fronteiras. Portanto, pode ser visto como fronteira múltipla porque nele existem várias linhas divisórias entre entidades diferentes. Nele conflui o lavrado, mas também a floresta, os Estados brasileiro e venezuelano, diversas nações indígenas, as tradições (etnográficas) caribenhas e amazônicas, como também diversas entidades identitárias.

Pacaraima é uma fronteira internacional, no sentido de *limite* territorial e de soberania entre os Estados-nação venezuelano e brasileiro. A fixação de limites concretos entre Brasil e Venezuela e seus dispositivos culturais e políticos geram efeitos materiais e simbólicos, que muitas vezes implica na falta de coincidência entre as fronteiras dos sistemas políticos e as fronteiras culturais.

Pacaraima também é uma fronteira *fronteira interna*, que significa área de expansão da ordem econômica e social do Brasil, que tanto precisa ser desenvolvida como conservada enquanto reservatório de recursos. As fronteiras internas brasileiras, por serem áreas relativamente isoladas e juridicamente ambíguas tendem a desenvolver estruturas sociais de caráter local, mas também inovadoras, em virtude do hibridismo e/ou multiculturalismo que as caracterizam.

É um lugar fronteiro e, por isso, encerra uma caracterização de relações e movimentos de pessoas que transitam, se deslocam e, conseqüentemente, definem este lugar a partir dos efeitos produzidos e conteúdos expressos, tanto nos aspectos da vida cultural, quanto nos aspectos identitários que também se deslocam e se pluralizam.

Esse espaço fronteiro entre o Brasil e a Venezuela vem sendo profundamente modificado em virtude das novas tecnologias de transporte e comunicação, as mesmas que

intensificaram os processos migratórios. Os processos migratórios transnacionais são complexos por envolverem aspectos de fronteira nacional, soberania e processos de transculturação. Nesta fronteira Brasil/Venezuela podemos afirmar que está ocorrendo um processo de migração tanto internacional quanto interna em decorrência, em parte, das possibilidades de atuarem nas atividades de mineração, no comércio local e no setor de transportes além das atividades ilegais como o tráfico de mulheres, contrabando de combustível, câmbio ilegal de moeda. A imigração de estrangeiros de outros países do continente é uma tendência recente, mas começa a ter certo impacto na configuração das comunidades locais tanto nas de origem quanto nas de destino.

Esta realidade dos *migrantes transfronteiriços* aponta para várias lacunas na política de migração brasileira sustentada apenas nos interesses puramente econômicos e comerciais e, portanto, sem a perspectiva de uma integração sócio-cultural latino-americana. São vários os exemplos: dos trabalhadores que estabelecem o fluxo diário entre essas cidades sem qualquer garantia trabalhista ou de cidadania.

A importância em aprofundar estudos sobre as configurações sociais e as representações deste espaço fronteiriço é urgente e fundamental para a definição de medidas e políticas a serem tomadas conjuntamente não só para a melhoria das condições de vida destas populações mas também como parte de um projeto maior de integração da América do Sul não apenas em âmbito econômico, mas cultural e identitários.

Uma pesquisa mais aprofundada sobre os vários aspectos desta região fronteiriça Brasil/Venezuela, se justifica à medida que permite compreender as dinâmicas sul-americanas decorrentes das migrações, dos encontros culturais, dos jogos de identidades e dos acordos entre as duas nações relativas ao trânsito de informações, mercadorias e força de trabalho. Ademais torna-se fundamental compreender esta fronteira não apenas como algo que divide, mas como zonas permeáveis e porosas onde os processos de interculturalidade se acentuam.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BARBOSA, Reinaldo Imbrózio. Ocupação Humana em Roraima. Uma revisão do equívoco da recente política de desenvolvimento e o crescimento desordenado. *Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi*; Série Antropologia, v. 10, n.1, p.271-289, 1994. Parte II.

- BECKER, B. K. *Significância contemporânea da fronteira: uma interpretação geopolítica a partir da Amazônia Brasileira*. In: AUBERTIN, Catherine (org). *Fronteiras*. Brasília: UNB, 1988. p.60-89.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.
- CLIFFORD, James. *Itinerários transculturales*. Barcelona, Espanha: Gedisa, 1999.
- CUNHA, Neide Gondim. *A Invenção da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1996.
- DONNAN, H e WILSON, M.T. Nation State and identity at international borders In: DONNAN, H and WILSON, M.T.(orgs) *Nation and State at international frontiers*. Cambridge University Press, 1998.
- FERNANDES, Marcionila. *Implicações teóricas e práticas do Desenvolvimento Sustentável: Um estudo com base no Programa Piloto para a Proteção das Florestas Tropicais do Brasil*. Tese de doutorado. Recife: UFPE/CFCH, 2000
- FONSECA, Claudia (org). *Fronteiras da cultura: horizontes e territórios da antropologia na América Latina*. Porto Alegre: Ed. UFRS, 1993.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 13-41.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte: UFMG;Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- _____. *A identidade cultural na Pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro:DP&A, 2002.
- LEONARDI, Victor. *Fronteiras amazônicas do Brasil*. Brasília: Paralelo 15/Marco Zero, 2000.
- MARCANO, Elvia Elena. *La construcción de Espacios sociales transfronterizos entre Santa Elena de Uairen (Venezuela) e Villa Pacaraima*: UNB/FLACSO, 1996 (tese de doutorado).
- OLIVEIRA FILHO, João Pacheco. *Seguranças das fronteiras e o novo indigenismo: formas e linhagens do Projeto Calha Norte*. *Antropologia e Indigenismo*. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, n 1, 1979.
- RAMOS, Alcida Rita. *O papel político das epidemias: o caso yanomami*. In: BARTOLOMÉ, Miguel A. (org) *Ya no hay lugar para cazadores. Procesos de extinción y transfiguración étnica en América Latina*. Quito: Biblioteca Abya-Yala, 1995.
- _____. *Nações dentro da nação:Um desencontro de ideologias*. Brasília: UnB\ DAN, 2000
- RODRIGUES, Francilene. *Garimpendo a sociedade Roraimense: uma análise da conjuntura sociopolítica*. Belém: NAEA/PLADES/UFPA, 1996 (dissertação).
- RODRIGUES, Francilene (relatora). Relatório Estadual da Pesquisa Tráfico de Mulheres, Crianças e Adolescentes para fins de Exploração Sexual. Roraima.OEA\CECRIA\ MINISTÉRIO DA JUSTIÇA\SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS. Boa Vista, janeiro, 2001.
- RUSHIDIE, Salman. *Os Versículos satânicos*.Lisboa: Publicações D. Quixote/Círculo de leitores, 1989.

i

ii Pesquisa sobre o Tráfico de Mulheres, Crianças e Adolescentes para fins de Exploração- PESTRAFI foi coordenada em nível nacional pelo CECRIA - Centro de Referência, Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes no ano de 2001, com apoio da OEA\Secretaria de Direitos Humanos do Ministério da Justiça.

iii Termo utilizado no Amazonas para se referir aos manauaras como sinônimo de preguiçoso. Baré é uma etnia que, como tantas outras, foi extinta durante o processo de colonização.

iv A justificativa do referido projeto era que a atividade garimpeira marcaria a prioridade na Floresta Nacional de Roraima, naquelas áreas onde atualmente se desenvolve a atividade de mineração. E pós o prazo de dois anos, a grande mineração assumiria a atividade de exploração mineral.

v A discussão sobre frente pioneira e frente garimpeira é encontrada em MARTINS (1975); OLIVEIRA (1972) e SAWYER et al.(1990). O conceito de fronteira é discutido em OLIVEIRA FILHO (1979), VELHO (1976). Sem fazer uma discussão aprofundada sobre os conceitos de fronteira e frente garimpeira, adotaremos o sentido proposto por OLIVEIRA FILHO (1979) que define fronteira "como um mecanismo de ocupação das novas terras e de sua incorporação, em condição subordinada, dentro de uma economia de mercado". O conceito de frente pioneira será discutido em SAWYER et al. (1990) que a compreende "enquanto objeto empírico envolvendo um tipo de atividade, uma combinação concreta de forças produtivas e relações de produção que se introduz em uma área de fronteira". PEREIRA (1992) trabalha com o conceito de "frente garimpeira" onde para ele esta frente se superpôs à frente agrícola da Amazônia na década de 80.

vi Esta imigração de outros países da América do Sul é uma tendência recente no Estado de Roraima. Pude verificar esse processo no curso do desenvolvimento dos diversos trabalho de campo que realizei na fronteira nos anos de 2000, 2004 e 2005.

vii O Governo Venezuela decidiu proibir a mineração depois que órgãos ambientais comprovaram que a exploração polui o rio Caroni, que gera energia elétrica para a região, inclusive para o Brasil. O governo venezuelano propôs implementar o programa chamado Reconversão Mineira e Aliança Povo-Governo, que consiste na extinção do garimpo na região. Em troca, os garimpeiros devem receber capacitação e crédito para a formação de cooperativas destinadas à outra atividade produtiva que não seja o garimpo. O prazo para eles deixarem a área expirou no último dia 31 de agosto. O comércio de Santa Elena de Uairén, localizada no Município de Gran Sabana, na Venezuela, fronteira com o Brasil, fechou as portas, no último dia 29.09.06 em solidariedade às famílias e companheiros dos garimpeiros mortos no massacre de La Paragua, em Bolívar, no dia 22.09.06. O protesto pretendeu ainda chamar a atenção das autoridades para a questão da garimpagem na região e repudiar a ação do Exército, que executou mais de dez garimpeiros que atuavam na área, entre brasileiros, índios e pessoas de outras nacionalidades (Folha de Boa Vista-RR,29.09.06).